

Violência no país já supera guerras e ditaduras

COLABORADOR
DOORGAL BORGES DE ANDRADA

opiniao@hojocemdia.com.br

“Os números não mentem”. Podem não ser bons, mas através deles sentimos a tragédia silenciosa porque passa o Brasil, com mortes injustificáveis, cujo número supera guerras e revoluções.

Hoje, morrem no país, em média, no mínimo 130 mil pessoas/ano, de forma “evitável”: 42 mil no trânsito (‘Agência Brasil’ – 2012) (I); 52,1 mil vítimas de crimes/assaltos (Mapa da Violência 2013) (II); 30 mil crianças de “doenças da fome” (BBC Brasil, dezembro 2013) (III); e 10,3 mil pessoas/ano não reencontradas – 20% das 51,7 mil desaparecidas – (‘O Globo’, janeiro 2012) (IV).

130 mil mortes/ano! Número maior que o de brasileiros mortos nos 6 anos da Guerra do Paraguai (1865-70) – a pior tragédia do país – pois, mal preparados, perdemos 15 mil soldados/ano. Nos 46 anos (1961-2006) do governante Fidel Castro à frente da ditadura cubana, sejam torturadas ou fuziladas, morreram em média 350 pessoas/ano (Anistia Internacional). E na ditadura Pinochet, no Chile (1973-90), estimam uma média de 2.500 mortos/ano.

No Brasil, os mortos e desaparecidos no governo militar (1964-85) totalizam 480 pessoas, uma média de 24 perdas/ano. E, no final da ditadura Getúlio Vargas (1942/45), estiveram presos ou torturados, em prisões e centros de concentração mais de 3 mil pessoas de origem italiana, japonesa e alemã (desconhece-se quantos morreram).

Frisamos: perdemos cerca de 130 mil pessoas/ano por culpa da sociedade ou do poder público, uma média bem superior às 350 pessoas/ano vítimas de Fidel, acima das 2.500 pessoas/ano vítimas de Pinochet, ou das 24 pessoas/ano do governo militar.

Foi em razão do alto número de soldados mortos no Vietnã e depois no



Iraque que os norte-americanos pressionaram o governo a sair dos conflitos. No Vietnã (1964-75) a média foi de 5.600 americanos mortos/ano, e, nos sete anos num explosivo Iraque (2003-10), chegou a 600 soldados/ano. Repita-se: num só ano perdemos mais do dobro dos 58 mil americanos mortos nos 12 anos no Vietnã.

Nossa batalha diária é perdida nos hospitais mal aparelhados ou sem profissionais; nas rodovias sem manutenção; na alta carga tributária que inviabiliza empregos e contratos; nos desvios dos recursos da educação (e merenda escolar); na falta de comida e salário nos rincões abandonados do país. Também em face dos programas de TV com mensagens sem ética a desagregar famílias, ou provocador do consumismo frustrante, e o sensacionalismo negativo de toda a mídia ignorando valores humanitários.

Monteiro Lobato nos

Hoje, a informação não tem fronteiras e ninguém esconde seus erros

alertava: “Um país se faz com homens e livros”, pois na raiz de todos males está o baixo grau de cultura e educação. Cingapura, Coreia e Japão são bons exemplos de como, através de fortes investimentos na educação, se chega ao Primeiro Mundo.

Impressionante é o crescimento da criminalidade no Brasil como consequência da venda de drogas. Não produzimos cocaína, maconha ou crack, etc., mas cruzamos nossas fronteiras a toneladas, debaixo do olhar das autoridades. Necessitamos encontrar um caminho civilizado, frater-

no e justo, e que a sociedade se eduque, se humanize; e que o governo enxergue a realidade e atue com responsabilidade social, ou dificilmente o país será respeitado pelos demais povos.

Essa violência desumana causa temor, seja entre nós, seja mundo afora, e um distanciamento das pessoas comprovado também por números: estrangeiros que visitam o Brasil – belo e tropical – somam 6 milhões/ano. Porém, ao nosso lado, o pequeno Uruguai recebe mais visitantes/ano do que o número de habitantes do país: 3 milhões. No México, chegam a 24 milhões/ano (4 vezes mais que o Brasil).

Hoje, a informação não tem fronteiras e ninguém esconde seus erros. Entre visitar nossas belezas com risco de perder a vida, o estrangeiro opta de modo transparente: prefere um local de paz.

(*) Desembargadora ouvidora do TJMG, ex-presidente da Amagis